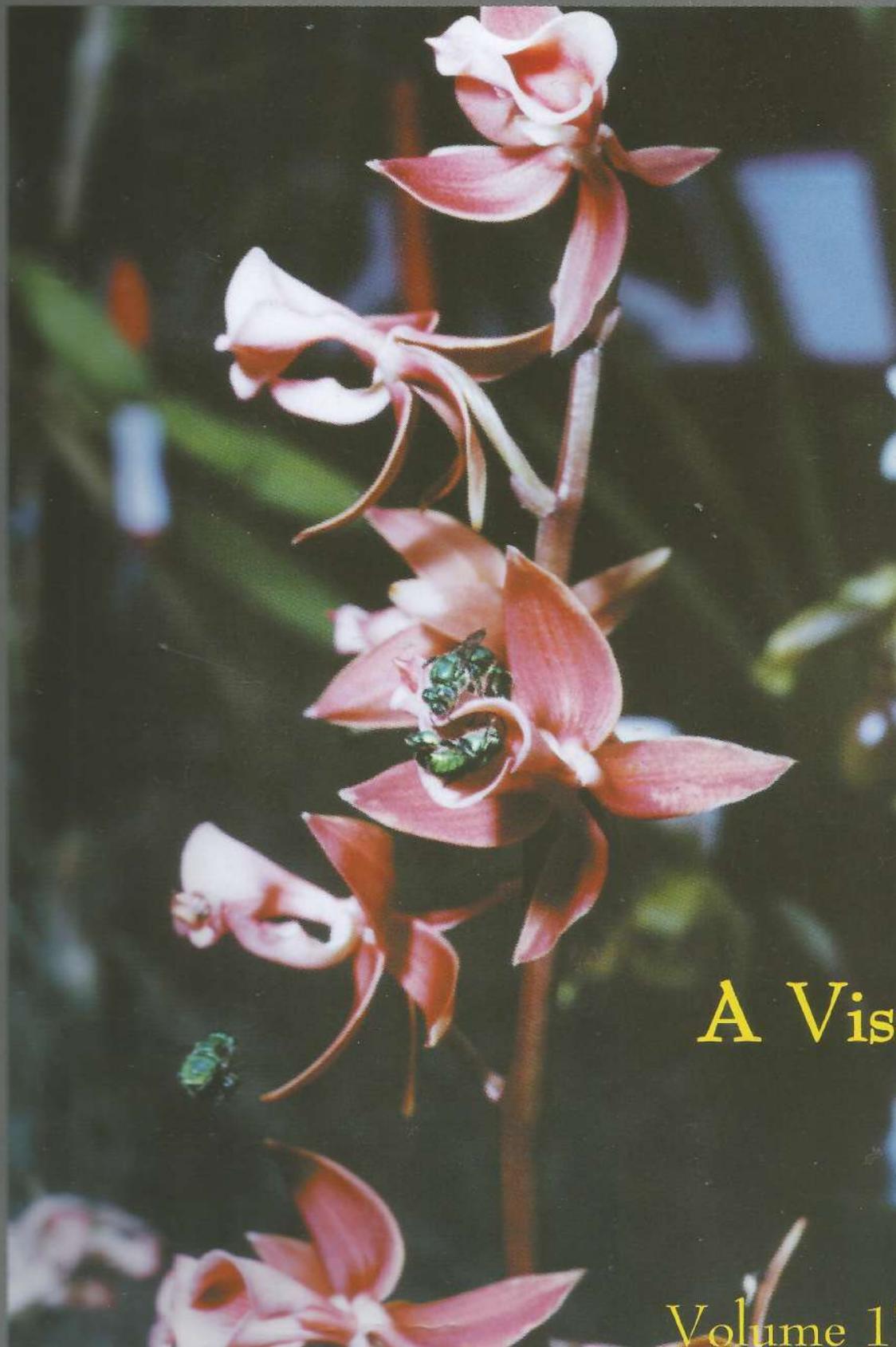


# Orquidário

---



A Visita

Volume 17, nº 3  
julho/setembro de 2003



## Orquidário, Sociedade Brasileira de Orquidófilos S.C.

**Orquidário**  
Revista, trimestral, publicada pela  
Orquidário

Volume 17 nº 3

julho a setembro de 2003

ISSN - 0103-6750

Editor: Raimundo A. E. Mesquita

Comissão Editorial:

Waldemar Scheliga (†), Maria da  
Penha Fagnani, Delfina de Araujo e  
Carlos Eduardo M. Carvalho.

Deseja-se permuta com publicações  
afins.

Artigos, textos e contribuições escritas  
devem ser remetidos ao Editor, em  
disquete, zip drive, cd, ou enviados por  
e-mail e, de preferência, gravados em um  
dos seguintes editores de texto: Page  
Maker, Word, Works, ou outros compa-  
tíveis com plataforma Windows. Os tra-  
balhos aceitos aguardarão oportunidade  
de publicação e os não aceitos serão de-  
volvidos caso o seu autor tenha remetido  
selos para postagem.

Fotos devem conter indicação do motivo  
e nome do autor.

Propaganda e matéria paga devem ser  
remetidas com 2 meses antes da data pre-  
tendida para inserção, reservando-se a  
revista o direito de rejeitar a publicação  
sem ter que explicar motivos.

O título Orquidário é de propriedade da  
Orquidário conforme depósito e regis-  
tros legais na Biblioteca Nacional e no  
INPI.

Qualquer matéria, foto ou desenho sem  
indicação de reserva de direito autoral  
(©), podem ser reproduzidos para fins  
não comerciais, desde que citada a fonte  
e identificados os autores.

Correspondência: Orquidário  
Rua Visconde de Inhaúma 134/428  
20.091- 000, Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21)2233-2314

Fax (21)2518-6168

e-mail: [orquidario@orquidario.com.br](mailto:orquidario@orquidario.com.br)

Internet: <http://www.orquidario.com.br>

### Diretoria Executiva

|                   |                         |
|-------------------|-------------------------|
| Presidente        | Marlene Paiva Valim     |
| Vice-presidente   | Carlos A. A. de Gouveia |
| Diretores         |                         |
| Técnico           | Raimundo A. E. Mesquita |
| Admin.-Financeiro | Paulo Damaso Peres      |
| Rel. Comunitárias | Sylvio R. Pereira       |

### Conselho Deliberativo

|            |                             |
|------------|-----------------------------|
| Presidente | João Paulo de S. Fontes     |
| Vogais     | vago                        |
|            | Carlos E. de Britto Pereira |
|            | Carlos E. Martins Carvalho  |
|            | Eliomar da Silva Santos     |

### Presidentes Anteriores

Eduardo Kilpatrick - 1986-87 (†)

Álvaro Pessôa - 1987-90

Raimundo Mesquita - 1990-94

Hans Frank - 1994-96

Carlos A. A. de Gouveia 1997-98

Paulo Damaso Peres - 1999-00

Hans Frank - 2001-02



### CONTRIBUIÇÃO ANUAL DOS SÓCIOS

| Preços/Rates   | 1 ano/1 year | 2 anos/2 years | 3 anos/3 years |
|--|--------------|----------------|----------------|
| Filiação e contribuição anual  | R \$70,00    | R \$130,00     | R \$190,00     |
| Overseas Subscription Rates  | US\$40.00    | US\$70.00      | US\$110.00     |
| Via aérea: acrescentar R\$30,00/ano - By Air Mail: plus US\$20.00/year |              |                |                |

# Orquidário

## Revista da Orquidário

---

### Índice

---

|                        |                                    |     |
|------------------------|------------------------------------|-----|
| Editorial              |                                    | 88  |
| Rudolf Jenny           | <i>Catasetum planiceps</i> Lindley | 89  |
| Álvaro Pessôa          | Desafios da Hibridação - Parte II  | 92  |
| Delfina de Araujo      | Elogio a Waldemar Scheliga         | 95  |
| Maria L. A. Peixoto    | Cultivando <i>Dendrobium</i>       | 97  |
| Luiz Paulo Schara      | As sedes da SBO                    | 103 |
| Seções                 |                                    |     |
| Nossos Ilustradores    | Carlos Ivan da Silva Siqueira      | 107 |
| Perfis                 | Maria da Penha Fagnani             | 113 |
| Exposições pelo Brasil | Exposições de Inverno              | 115 |
| A Exposição de Guaxupé | Edson Cherem                       | 117 |
| Publicidade            | a partir de                        | 119 |

---

**Nossa Capa** - Um dos momentos mais especiais da vida de um ser vivo é o da fecundação, com um exemplo lindamente flagrado por Carlos Ivan da Silva Siqueira, grande fotógrafo, de quem publicamos neste número ensaio fotográfico, que inicia uma nova série na revista, com uma seleção, feita por ele, de suas fotos favoritas.

---

**Crédito das Ilustrações** - Páginas 88, 92, 93 e 94, Álvaro Pessôa, 88 e 95, alto, 107 até 114, Carlos Ivan; 89 a 91, Rudolf Jenny; 95 e 116, Sérgio Araujo; 97/102 e 115, Raimundo Mesquita; 103/106, fotógrafo desconhecido; 117 e 118, Carlos Roberto de Azevedo.

---



# O Latim dos Mortos

O latim, que dizemos língua morta, está vivíssimo em praticamente todas as línguas ocidentais, no terreno científico, assim como na liturgia, e, sobretudo, para solenizar a morte, nas orações fúnebres.

*Requiescat in pace.*

*Memento homo...*

A OrquidaRIO já vai se tornando uma sociedade idosa e plena de recordações dos que se vão.

Vejam os que me lêem, que, neste ano, com três números publicados e, em todos eles, estamos nos despedindo de um amigo.

Agora foi Waldemar Scheliga, sócio fundador e um dos mais importantes quadros da OrquidaRio, pela sua constante atuação e produção intelectual, ao longo de sua duradoura vida.

Uma semana antes de sua morte me telefonara, para contar-me projetos seus e para confirmar a remessa de mais uma tradução de artigo de colaborador alemão ou suíço, que sempre concluía com o pedido de revisão cuidada.

Vai fazer falta. Que a nossa despedida se faça na paz de um *Catasetum fucsii* feito pomba da paz pela objetiva de Carlos Ivan.

Mas é isto a vida e em lugar de lamentar, façamos o elogio, como adiante se vai ler em texto de Delfina de Araujo.

*O Editor*

---

### Errata:

Os conhecidos demônios da tipografia, ou a falta de boa revisão (o que, no fundo é a mesma coisa...) nos pregaram algumas peças no último número. Algumas são veniais e os nossos leitores já as terão identificado e feito a correção. Mas há duas relevantes e que justificam que o Editor expie suas culpas:

A foto de Álvaro Pessôa na página 50 é de uma das suas criações: (*Blc. Brazilian Cayapó* e não como está *Blc. Haw Yuan Moon*).

Abaixo do título do artigo sobre Vandas, pag 58, falta o nome do Autor: Carlos Antonio Akselrud de Gouveia, que, felizmente, ficou identificado no final do seu excelente artigo.

As nossas desculpas.



*Blc. Brazilian Cayapó*

# CATASETUM PLANICEPS Ldl. (1843)

Rudolf Jenny (\*)

Tradução Waldemar Scheliga

*Catasetum hymenophorum* Cogniaux (1895)

*Catasetum recurvatum* Link (1844)

## Ocorrência

Venezuela, Guianas e Brasil. Eventualmente também nas regiões limítrofes com Peru e Colômbia.

## Possível confundibilidade

*Catasetum planiceps* pertence ao grupo dos *Catasetum* cujas flores masculinas e femininas tem a forma galei-



*Catasetum planiceps*, desenho reproduzido de prancha do Edward's Botanical deRegister (1843). Foto Jenny.

forme, sempre com labelo sobreposto sobre a coluna. O mesmo grupo inclui as espécies *Catasetum oerstedii*, *Catasetum maculatum*, *Catasetum intergerimum* e *Catasetum purum*. Uma característica típica de *Catasetum planiceps* é a inflorescência em posição sempre ereta no terço superior e as flores bem aglomeradas, com o galeado bem distinto.

Em geral a espécie é de difícil identificação.

## Variedades

As flores variam apenas um pouco no tamanho. O galeado pode ser um pouco maior e mais largo, com superfície mais plana ou mais estreita e menos plana. O colorido varia do verde, de escuro a claro, e amarelo esverdeado. Até agora não foram descritas variedades dessa espécie.

## Histórico

*Catasetum planiceps* foi descrito por John LINDLEY em Edward's Botanical Register (29: t.9. 1841) baseado numa planta importada por Loddiges.

LINDLEY dispunha unicamente de flores masculinas. Quanto à origem da planta, LINDLEY adotou a informação de LODDIGES: Spanish Mains. Se a planta descrita por LINDLEY no



*Catasetum planiceps*, flor masculina tendendo para a forma verde-amarelada.

Foto Rudolf Jenny

Edward's Botanical Register (27: misc.78.1844) com o nome de *Catasetum fuliginosum* era realmente *Catasetum planiceps*, conforme afirma COGNIAUX, por ser idêntico a *Catasetum planiceps* e porque a descrição foi baseada em uma planta com flores femininas ou se, no caso de *Catasetum fuliginosum*, se tratava de uma outra espécie não identificada nunca foi esclarecido. É sabido que flores femininas de todas as espécies de *Catasetum* são extremamente semelhantes e diferenciar espécies afins baseados em flores femininas, é impossível. Diante disto o nome *Catasetum planiceps* (descrito com uso de flores masculinas) deve prevalecer, porque está de acordo com as regras da nomenclatura botânica.

No caso de *Catasetum recurvatum* trata-se, indubitavelmente, de um sinônimo. Essa espécie foi publicada por

LINK, KLOTZCH e OTTO, em *Icones Plantarum Rariorum* (2:t.105. 1841-44). Baseados numa planta cultivada no Jardim Botânico de Berlim, sendo uma publicação muito rara. A prancha que acompanha a publicação mostra características substanciais do *Catasetum planiceps* embora a inflorescência não apresente porte rigidamente ereto e a forma do labelo seja menos marcadamente plana. As duas características, porém, se incluem, sem dúvida, nos modos naturais e habituais, próprios das variedades. A planta certamente é originária do Distrito Federal da Venezuela, uma região onde, posteriormente, foi coletada a espécie tipo de *Catasetum planiceps*.

No caso de *Catasetum chloranthum* Cogniaux, indubitavelmente, não se trata de um sinônimo, descrito na revista *Journal des Orchidées* (5:251. 1894) a partir de uma planta pretensamente importada do Peru. A ocorrência no Peru é, porém, duvidosa e até agora não foi confirmada. Essa espécie se enquadra no complexo de *Catasetum expansum* Rchb. f. Cogniaux descreveu também *Catasetum hymenophorum* que pode ser considerado como sinônimo de *Catasetum planiceps*. A descrição foi publicada no *Journal des Orchidées* (6:215.1895) A origem da planta não foi revelada.

O enquadramento de *Catasetum wendlingeri* Foldats é indefinido. O autor descreveu essa espécie em 1958 (*Acta Biologica Venezuelica*, 2:167. 1958), baseado numa planta cultivada por WENDLINGER, em Caracas, coletada perto de Ayacucho, no Estado do Amazonas. A imagem publicada por



*Catasetum planiceps*,  
forma verde-amarelada.  
Foto Rudolf Jenny.

FOLDATS mostra que se trata de uma espécie assemelhada, *Catasetum splendens* Cogniaux. Em 1970, FOLDATS novamente em T. LASER'S, Flora de Venezuela, modificou a espécie que descrevera tornando-a sinônimo de *Catasetum planiceps*.

Há certa probabilidade de tratar-se, nesse caso, de *Catasetum wendlinger* Foldats um híbrido natural de uma espécie afim de *Catasetum splendens*. Uma retificação foi divulgada posteriormente por ROMERO e CARNEVALI em 1989 (Anals of the Missouri Botanical

Garden 76:460.1989).

O problema está em determinar as espécies do gênero cujas flores (masculinas, como, também, as femininas) são providas de um labelo galeiforme em posição invertida e, muitas vezes, são apenas um detalhe que difere em várias espécies. A esse grupo pertencem, também, espécies de abundante ocorrência e extremamente variáveis como *Catasetum maculatum*, *Catasetum sertum*, *Catasetum integerimum* e *Catasetum oerstedii*. Muitas vezes nos deparamos, também, com híbridos naturais resultantes de cruzamentos com espécies do grupo de *Catasetum macroglossum* Rchb. f., o que dificulta ainda mais o enquadramento.

(\*) Rudolf Jenny

Moosweg 9

CH - 3112 Allmendingen - Suíça



**A SUA SOCIEDADE PRECISA CRESCER.**

**TRAGA NOVOS SÓCIOS  
E SEJA PREMIADO.**

**LEIA AS CONDIÇÕES NO PRÓXIMO  
BOLETIM**

# DESAFIOS DA HIBRIDAÇÃO

Álvaro Pessôa

**A**lém do desafio das cores, do equilíbrio entre vegetação e floração, da busca da apresentação das flores e do espaço entre elas, das dimensões da haste floral, existe uma incógnita maior ainda: em que estação do ano o híbrido vai florir? Essa pergunta só pode ser respondida, depois de 5 ou 6 anos a partir da cruz, no caso de híbridos do grupo *Cattleya*. Ela é sempre uma incógnita!

Em plena época da clonagem de tecidos humanos, ainda trabalhamos em bases empíricas quando cruzamos plantas ou animais. Os zootecnistas só têm certeza do produto final, quando cruzam dois animais: galinhas e bichos da seda. Os milhões de cruzamentos feitos, dão 100% de certeza quanto à obtenção do produto final. Só esses dois e nenhum mais! O resto é empírico. Também em matéria de plantas, não há qualquer certeza quanto ao produto final.

A questão de acertar a época da floração é, no entanto, particularmente delicada. Claro que cruzar *L. purpurata*



*Blc. Brazilian Juliana*, destaque para a haste longa e firme dispensando tutor.

Foto e Cultivo de Álvaro Pessôa

com *L. tenebrosa* deve levar, em princípio, à floração para novembro/dezembro. Entretanto, nosso híbrido *C. Midway* (*C. loddigesii* x *C. harrisoniana*) floresceu 80% em fevereiro (como *harrisoniana*). Pouquíssimas plantas floresceram em junho, como *C. loddigesii*. Por que? O híbrido primário que recentemente refizemos na cor vinho, *C. Ângela* (*C. labiata autumnalis* x *C.*

*intermedia*) floresce predominantemente na época de *C. intermedia* e não, como *C. labiata*, em fevereiro. Por que? Não se sabe ao certo.

Parte dessa tendência pode ser creditada à insolação ou à luz. A abundância de floração concentrada no inverno, deve ser creditada à insolação prolongada dos dias de verão/outono. Como o inverno tem dias de luminosidade menor (dias mais curtos), a floração da primavera/verão é marcada por acentuada queda na floração do grupo *Cattleya*.

Era esse nosso maior desafio, pois em contratos de aluguel de plantas, o

cliente não quer saber de filigranas. Quer plantas floridas doze meses por ano. Haja o que houver!

Tendo sido o maior hibridador do Brasil durante duas décadas, Rolf Altenburg nunca se preocupou muito com flores de orquídeas para os meses de verão. Ele sempre buscou mais a perfeição do que o sentido utilitário que as flores pudessem ter no mercado. De forma que, ainda hoje, as flores escasseiam nos meses de verão.

custos de energia crescendo, foi preciso que os cultivadores europeus, americanos e japoneses, reduzissem as dimensões de suas estufas aquecidas. Que custam caro para serem aquecidas. A redução do tamanho das plantas era inevitável.

Neste capítulo, as *Laelias* rupículas brasileiras e o gênero *Sophronitis*, tiveram papel preponderante. Ambos são verdadeiras usinas de energia redutora e serviram bem para os propósitos



Foto e Cultivo de Alvaro Pessoa

*Lc. Brazilian Mulata* (*Lc. Amber Glow* x *Lc Fire Island*), exemplo de boa haste floral, harmonia de cores e flores bem apresentadas.

A partir de 1980 aproximadamente, os cultivadores de São Paulo e os do Rio de Janeiro, começaram a importar híbridos japoneses e norte-americanos. Já então, muitos eram mini-Cattleyas. A dimensão das plantas diminuíra, em decorrência da crise do petróleo deflagrada pelos países árabes. Com os

desejados. *L. briegei* é uma laelia rupícula de enorme potencial, já que não reduz em excesso o tamanho das plantas com ela cruzadas. Em *L. liliputiana* a redução é muito mais acentuada.

A cruzada de *L. briegei* com *Blc. Waikiki* gerou *Blc. Haw Yuan Moon*, planta esteio para inúmeras cruza-

mentos bem sucedidos, a maioria florindo em novembro e dezembro. Outro estribo veio da cruz de *C. aurantiaca* com *C. guttata*, gerando o famoso híbrido *C. Chocolate Drop*. Plantas com ela cruzadas, em virtude da influência de *C. guttata* (que floresce em fevereiro) geram belos híbridos florindo em dezembro e janeiro, de dimensões reduzidas, como planta.

Uma questão também decisiva em hibridação é o tamanho e a rigidez da haste floral. Bons híbridos derivados de *Laelias* rupícolas não devem precisar muleta; por muleta, entenda-se a necessidade da estaca de bambu, para sustentar o cacho de flores.

Híbridos com *L. briegei* tendem a gerar esse tipo de problema, que em *L. angereri* não ocorre. Dois dos mais populares híbridos em existência, *Lc. OrquidaRio*, (criação de Alexis Sauer) e *Lc. Little Mariana* (criação de Sandra Odebrecht) são lindas, mas raramente sustentam a própria beleza. As hastes florais são molengas, necessitando de

“muleta”

Outra linhagem possível de plantas com forma de rupícolas, foi desenvolvida com *L. milleri*. *Lc. Hillary Hope* foi registrada como resultado de cruzamento de *L. milleri* com *C. loddigesii*. Durante muito tempo acreditei que o criador do híbrido tivesse confundido alguma *L. angereri* vermelha com *L. milleri*. Até que defrontei-me com o mesmo híbrido refeito pela Rosário, do Quinta do Lago. A haste de *milleri* se mantém notavelmente alta no híbrido.

Por que? No próximo número tentarei explicar os porquês!

---

Álvaro Pessoa  
email: [peessoa@apadv.com.br](mailto:peessoa@apadv.com.br)



B/c. Tarana Sawhney

Foto e Cultivo de Álvaro Pessoa

# Elogio a Waldemar Scheliga



*Delfina de Araujo*

Falar de Waldemar Scheliga é fácil e difícil, ao mesmo tempo. Difícil pois sempre se tem receio de não se estar à altura do que ele merecia e fácil por ser ele uma pessoa extremamente educada, simples, afável, com muita vitalidade, muita disposição, seriedade e dedicação naquilo que fazia. Ele se interessava pelo estudo das or-



*Scheliga sendo entrevistado por Delfina*

quídeas como se ainda tivesse um caminho enorme a percorrer e não como uma pessoa que se aproximava dos 90 anos. Enfim, com um entusiasmo quase juvenil, ele se interessava por publicações recentes, adotava as alterações nomenclaturais, gostava do contato com as pessoas que, como ele, são apaixonadas por orquídeas, mesmo aquelas com um conhecimento menor do que o dele.

Ele fazia parte da família orquidófila fluminense desde os velhos tempos da Sociedade Brasileira de Orquidófilos. Foi um dos sócios fundadores da OrquidaRio tendo sido sempre um ativo colaborador da revista Orquidário,

desde o início de sua publicação, seja traduzindo do alemão para o português, artigos de Rudolf Jenny, Karlheinz Senghas, Irene Bock, etc., ou escrevendo seus próprios textos sobre diversos gêneros, fazendo parte da comissão editorial e, até, dando dicas de cultivo contando seus segredos de adubação.

Deu importante contribuição na divulgação de trabalhos brasileiros na Alemanha e na Suíça, pois fazia a versão para a língua alemã de textos de diversos estudiosos brasileiros.

Cultivou orquídeas por perto de 60 anos, tendo como preferida a *Cattleya maxima*, mas possuía uma coleção muito eclética. Era um exímio cultivador e encarnava uma das mais importantes qualidades de um orquidófilo: a paciência. Esperou quase vinte anos para ver sua *Calista densiflora* (ou *Dendrobium densiflorum*) florir maravilhosamente com 46 hastes.

Em 1993, Alexis Sauer registrou um híbrido com seu nome, a *Laeliocattleya Waldemar Scheliga*, cruzamento de *Laelia boothiana* (sin. *Laelia loba-*

ta) x *Lc. Canhamiana*.

Em relato bem humorado, em entrevista concedida à Orchid News (site Brazilian Orchids) ele contou como foi a fundação da OrquidaRio. Tudo começou com uma diretoria Sociedade Brasileira de Orquidófilos que já estava no poder havia 8 anos. Segundo ele, muitos sócios estavam um pouco aborrecidos achando que tudo estava relaxado demais, pouco interessante e que as reuniões não estavam servindo para instruir os companheiros. Por estas razões, um grupo de 37 sócios, ele inclusive, resolveu que na eleição seguinte, iriam eleger uma nova diretoria, chegando a compor uma chapa chamada “Renovação” da qual também fazia parte Siegwald Odebrecht (Zico, da Florália).

Com um subterfúgio, a tal diretoria conseguiu se reeleger. Com a reunião marcada para 20 horas, a diretoria chegou mais cedo, fez a votação e ganhou por 2 votos. Estes dois votos foram justamente de dois companheiros que “*roeram a corda na última hora*”. Assim, ele e seu grupo não conseguiram fazer a diretoria.

Ficaram “*meio jururus*” e foram para o Bar Luiz, tomar um chope para esquecer as mágoas e, ali, criaram a nova sociedade, ali mesmo tudo ficou resolvido. Assim, em 1986, nascia a OrquidaRIO dentro do Bar Luiz, com aquele grupo tomando chopp e comendo salada de batata. As primeiras reuniões da, então, nova sociedade foram feitas na chácara do Luiz Clemente Ferreira de Souza, na Ladeira Novo Mundo, entre Laranjeiras e Botafogo (nome

profético e apropriado para abrigar a nova sociedade tão cheia de sonhos...). Depois passou-se para a rua Sorocaba, no colégio Tico Tico onde todos sentavam em banquinhos pequeninhos e lá estiveram por alguns anos, na escola que pertencia à mãe do Carlos Eduardo de Britto Pereira. Até o período da rua 19 de Fevereiro, no Auditório do IDORT, a presença e atuação de Waldemar Scheliga sempre foram uma constante. Já com problemas de saúde, infelizmente, suas vindas às reuniões foram rareando e na nova sede, à rua Visconde de Inhaúma, ele veio raríssimas vezes. Exerceu diversas funções dentro da sociedade, foi vice-presidente, no período de 1989 a 1992, responsável interino pelo Departamento de Pesquisas, Cultivo e Cursos, (1990), Presidente do Conselho Deliberativo de 1992 a 1994, e membro da Comissão Editorial de 1992 a 2.000 e, por fim, 2003.

No meio de tudo, ainda se dispôs a se dedicar, durante um período, ao orquidário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro promovendo sua recuperação e aumentando a coleção.

Mesmo com as dificuldades que enfrentava decorrentes de sua idade avançada e raramente vindo à OrquidaRio, continuava participando ativamente da revista, traduzindo muitos artigos e fazendo parte do Conselho Deliberativo (como vogal) da atual Diretoria. Sabia fazer amigos, sabia conquistar as pessoas. Vai fazer muita falta. Já está fazendo muita falta.

Delfina de Araujo  
Brazilian Orchids

<http://www.delfinadearaujo.com>

# Cultivando *Dendrobium*

Maria Lúcia Alvarenga Peixoto (\*)

O gênero *Dendrobium* é um dos maiores da família Orquidácea, só perdendo para o gênero *Bulbophyllum*. O número de espécies que ele contém não é muito preciso. Muitos botânicos dizem que é de, pelo menos, 1000, enquanto outros acham que é de mais de 1400. O gênero é tão grande que se pensa em dividi-lo em gêneros menores, mas os taxonomistas não deram sua aprovação. Em vez disso, ele é dividido em seções.

Originalmente do Sudeste da Ásia, o *dendrobium* tem uma vasta distribuição, das ilhas do Pacífico ao Himalaia, incluindo Burma, Malásia, Sul da China, Tailândia, Japão, Filipinas, Austrália e Nova Zelândia. Em especial está Papua, Nova Guiné, onde há uma grande quantidade de *dendrobiums* diferentes.

A grande maioria dos *dendrobium* é de plantas epífitas, umas poucas foram encontradas em rochas e outras, em ainda menor número, são terrestres. Por isso, Olaf Swartz, que estabeleceu o gênero em 1799, deu-

lhe o nome “*dendrobium*”, do grego “*dendros*” = árvore e “*bios*” = vida, ou em outras palavras “planta vivendo nas árvores”.

Adaptado a um vasto número de diferentes “habitats”, os *dendrobiums* variam consideravelmente em sua estrutura. As folhas variam em tamanho, de minúsculas a muito grandes, cilíndricas, suculentas, persistentes ou decíduas, longas, estreitas ou largas, com formas curiosas e numa grande variedade de tons de verde. Umas poucas tem pêlos. Os pseudobulbos podem ser ovoides, fusiformes, lisos ou com nós salientes, na forma de canas longas, macias ou duras, pendentes ou eretas. Há plantas com pseudobulbos mínimos, com cerca de 1 cm (*delicatum*, *lawesii*) e outros que chegam a 5 m.

O *dendrobium* é planta simpodial, geralmente com um rizoma do qual novos pseudobulbos ou novas raízes se desenvolvem cada ano. As flores são muito variáveis em forma, textura, duração. Grande parte são grandes e coloridas.



*Den. moniliforme*, Var. Japonicum.  
Foto e cultivo Raimundo Mesquita



*Dendrobium fimbriatum*, Var. *Oculatum*.  
Cultivo e foto R. Mesquita

das. Quase todas as cores podem ser encontradas nesse gênero, exceto, talvez, o azul, algumas contrastantes numa única flor, o que a torna espetacular. É o caso de um dendrobium que tive, *obtusisepalum*, da Nova Guiné, de cor amarela e alaranjada, belíssimo, mas que morreu. Há flores que duram menos que um dia e outras que duram muitos meses, como é o caso do *Dendrobium cuthbertsonii*, que chegam a durar 9 meses. A maioria tem flores que duram 2 a 3 semanas. Em poucas plantas as flores são solitárias, mas na maioria elas são em cachos. Os dendrobiums são as orquídeas mais floríferas na natureza e também em cultivos com boas condições, o que os fazem mais atrativos e dos mais populares mundialmente. Cada ano mais pessoas se tornam conhecedoras da beleza dos dendrobiums. É natural, então, que muitos hibridadores tenham se concentrado, grandemente, nesse gênero. Em muitos casos os híbridos são um melhoramento das espécies e os híbridos modernos são mais fáceis de cultivar do que as espécies colhidas nos seus habitats. Minha preferência é pelas espécies e já tive vários dendrobium especiais da Nova Guiné,

mas que não resistiram às minhas condições de cultivo. Há dendrobiums em todos os tipos de climas: frio, temperado, quente úmido e quente seco. Embora sejam extremamente diferentes, na maioria dos dendrobiums as necessidades são as mesmas.

Falemos sobre o cultivo dos dendrobiums:

#### LUZ

Quase todos gostam de luz natural intensa, para que desenvolvam pseudobulbos saudáveis, mas deve ser evitado sol forte direto, que pode queimar suas folhas. Esse tipo de luz, entretanto, não é necessário o ano todo, mas no período de crescimento ativo. Por causa disso é difícil criar dendrobiums dentro de casa ou sob luz artificial.

#### TEMPERATURA

Conforme já dissemos, há dendrobiums para quase todas as condições de temperatura e por causa de suas necessidades especiais em termos de água e calor é possível dividir o gênero em seis grupos de cultivo, que consideraremos mais adiante.

#### UMIDADE E REGA

Durante seu período de crescimento, o dendrobium necessita de regas abundantes, particularmente no verão. Entre as regas é importante deixar o substrato secar quase completamente. Boa ventilação e a boa secagem das raízes entre as regas são absolutamente essenciais, senão a função respiratória da planta fica seriamente comprometida. No verão a frequência das regas é de uma vez cada dois ou três dias. No outono e no inverno, há duas situações a considerar:

Dendrobium com folhas persistentes: deve ser dada uma quantidade de água que evite os pseudobulbos mur-



*Den. ruppianum*. Foto e cultivo Raimundo Mesquita

charem (+/- uma vez por semana).

Dendrobium com folhas decíduas: não deve ser regado, a não ser muito espaçadamente, para evitar que ele seque demais.

O nível de umidade relativa do ar deve ser 60-70% durante o crescimento e ele pode ser reduzido grandemente no período de repouso.

#### **ADUBAÇÃO**

O dendrobium em geral necessita de muita adubação e isso deve ser feito, no mínimo, duas vezes por mês no verão e enquanto esta crescendo, com um fertilizante do tipo NPK 30-10-10 ou 20-20-20 e no fim do verão e no outono um fertilizante com mais fósforo (P) para prepará-lo para a floração. Exceção a essa regra geral são as espécies de grande altitude da Nova Guiné, que necessitam bem pouca adubação. Nunca se deve esquecer de molhar o subs-

trato antes de aplicar o fertilizante. Os livros aconselham que durante o período de repouso não se deve adubar os dendrobiums, mas há orquidófilos que usam adubo nessa época, porém em menor quantidade.

#### **REPLANTIO E SUBSTRATO**

Replantar é um aspecto importante no cultivo dos dendrobiums. Eles devem ficar firmes no vaso, com algum suporte. Plantas frouxas nunca se desenvolvem. O vaso deve ser tão pequeno quanto possível, proporcional ao tamanho das raízes. Um vaso pequeno garante uma melhor drenagem e a secagem das raízes entre as regas. Sob essas condições o substrato se decompõe muito mais devagar e o replante, que é um evento dramático para o dendrobium, somente será feito cada três ou quatro anos. Esse intervalo ajuda a produzir raízes vigorosas, o que não seria

o caso se replantado anualmente. O problema do equilíbrio que surge com plantas longas num vaso pequeno, pode ser resolvido colocando o vaso pequeno dentro de um maior e entre eles colocando pedras ou dependurando o vaso. O vaso dependurado é ideal para cultivar dendrobiums pendentes e mais, essa solução beneficia a planta com mais calor e luz, melhora a drenagem e concorre para seu melhor crescimento. Vasos com aberturas no fundo e na lateral arejam o substrato e o secam mais rapidamente. Muitos orquidófilos usam placas de xaxim, casca de árvores ou troncos para amarrar os dendrobiums, criando condições parecidas com as do habitat. O momento ideal para o replantio é quando as raízes começam a crescer, o que acontece com os dendrobium na primavera. É um erro grande replantar quando a orquídea está em repouso, o que pode ocasionar a sua morte.

Algumas precauções a serem a serem observadas: não regar por uma ou



*Den. sarmentosum* F.oto Raimundo Mesquita

duas semanas, mantendo a planta na sombra, onde não seja muito quente.

Deve-se pulverizar a folhagem para evitar ressecamento.

O tipo de substrato varia consideravelmente: xaxim, coco, pedaços de casca de pinho, etc. Não se deve usar asfágno ou outro substrato que retenha muita água.

## PROPAGAÇÃO

As espécies de dendrobium são facilmente reproduzidas através das sementes. Também através de meristema ou outras técnicas de cultura de tecidos. Um método extremamente fácil e bem popular de propagação é através dos keikis, pequenas plantas que se desenvolvem em pseudobulbos tipo canas antigas, que devem ser destacados quando tiverem dois ou três pseudobulbos e raízes de 5 a 10 cm. Essas mudas são idênticas à planta mãe. A divisão das plantas, ao replantar, não é um bom método de reprodução. Se a divisão é feita com um rizoma muito curto, o choque da planta pode ser muito grande. A tendência moderna é replantar e deixar um intervalo de umas três semanas antes de fazer a divisão no próprio vaso e não regar dentro de uma semana. Como em todas as orquídeas simpodiais, a regra dos três pseudobulbos deve ser seguida. Isto produz um melhor efeito estético e as flores serão de melhor qualidade. Corte de pseudobulbos é outro método de reprodução. É possível cortar um pseudobulbo velho em 10 ou mais peças, cada uma possuindo entrenós. Coloque-os num meio úmido e morno como em areia ou asfágno. Em poucas semanas algumas plantinhas aparecem, tipo keikis, que podem ser plantados mais tarde.

## GRUPOS DE CULTIVO

Levando em conta suas necessidades em termos de rega e temperatura, os dendrobiums podem ser divididos em seis grupos de cultivo.

**Grupo I:** é o dos dendrobiums de



*Den. clavatum* faz parte do Grupo de cultivo III.  
Cultivo e foto Raimundo Mesquita

folhas decíduas, que devem ser mantidos numa temperatura intermediária ou quente na primavera e verão e fria no inverno. Enquanto em crescimento as plantas devem ser regadas e adubadas generosamente e ter bastante luz, enquanto no inverno a rega deve ser totalmente suspensa e a adubação interrompida, mantendo bastante luz. Se não tiverem esse tratamento no inverno, eles não vão florir propriamente e no lugar de flores eles produzirão keikis. As principais espécies nesse grupo são: *Dendrobium nobile*, *Den. chrysanthum* e *Den. wardianum*.

**Grupo II:** é o dos dendrobiums de folhas decíduas e que devem ser mantidos numa temperatura quente o ano todo e mantidos secos no período de repouso no inverno, apenas tendo alguma rega leve para os pseudobulbos não murcharem. Rega e adubação devem ser abundantes no verão e interrompidas no inverno. Apesar de sua necessidade de luz, esses são os únicos dendrobiums que tem alguma chance de se adaptar dentro de casa. As principais espécies desse grupo são: *Den. anosmum* ou *superbum*, *Den. findlayanum*, *Den. heterocarpum* ou

*aureum*, *Den. parishii*, *Den. pierardi* e *Den. aggregatum* (incluído neste grupo apesar de ter folhas persistentes).

**Grupo III:** é o dos dendrobium de folhas persistentes e que devem ser cultivados como os do Grupo I, mantidos na temperatura intermediária ou quente no verão e fria no inverno. Entretanto, devido ao fato de terem folhas persistentes, eles não precisam de um período seco no inverno, somente regas menos frequentes neste período, por causa da evaporação mínima e da diminuição do metabo-

lismo da planta. Rega e adubação devem ser abundantes no verão. As principais espécies são: *Den. densiflorum*, *Den. farmeri*, *Den. fimbriatum*, *Den. moschatum* e *Den. thyrsoflorum*.

**Grupo IV:** é o dos dendrobiums de folhas persistentes, mas na maioria plantas de altitude elevada que devem ser cultivadas o ano todo em temperatura fria, com boa luminosidade. A temperatura noturna não deve cair abaixo de 12 graus centígrados no inverno e 15 graus no verão. A rega deve ser suspensa por um breve período de cerca de três semanas após a fase de crescimento, isto é, no começo do outono. Incluídos neste grupo estão os dendrobiums da seção *formosae*, que são os que tem pelos negros. São eles: *Den. dearei*, *Den. formosum*, *Den. lyonii*, *Den. infundibulum*, *Den. macrophyllum*, *Den. sanderae* e *Den. schwetzei* e outros da seção **Pycnostachya**: *Den. secundum*, *Den. pseudoagylome*, *Den. victoriae-reginae*, *Den. bracteosum* e *Den. smillieae*.

**Grupo V:** é o dos dendrobiums de folhas persistentes, tendo necessidades se-

melhantes às do grupo IV, mas são cultivados em temperaturas mais altas, isto é, em temperatura intermediária nunca abaixo de 15 graus centígrados. Muito orquidófilos não proporcionam período de repouso a este grupo, mas as opiniões variam, e outros o dão cerca de três semanas após o período de crescimento, com bons resultados aparentemente. Este grupo inclui os conhecidos como dendrobiums antílope, em referência às pétalas laterais torcidas. As principais espécies são: *Den. taurinum*, *Den. undulatum*, *Den. veratrifolium*, *Den. gouldii* e *Den. stratiotes*.

**Grupo VI:** é o dos dendrobiums de folhas per-

sistentes, mas que devem ser mantidos em temperatura quente. A temperatura noturna, nunca abaixo de 15 graus centígrados no inverno e abaixo de 17 no verão. Gostam de luz intensa mas os híbridos de *Dendrobium phalaenopsis* crescem em condições de pouca luz. A redução de regas após o período de crescimento é necessária para a boa formação da inflorescência. A água deve ser abundante quando a floração começa e diminuída outra vez até o aparecimento de novos brotos. É essencial borrifar com água durante esses períodos de racionamento de água. Estão incluídos neste grupo: *Den. phalaenopsis* (também híbridos), *Den. bigibbum* e *Den. superbiens* (híbrido natural entre *Den. bigibbum* e *Den. discolor*).

### PRAGAS E DOENÇAS

Dendrobiums sofrem com as mesmas pragas e doenças que sofrem as ou-

tras orquídeas cultivadas em orquidário: ácaros, pulgões e cochonilas são as piores. Caramujos e lesmas atacam os brotos e botões das flores e devem ser catados a noite.

Também, várias bactérias e fungos atacam os dendrobiums. Vírus não é um grande problema com os dendrobiums, a não ser que sejam contaminados por plantas infectadas na coleção.



*Den.x delicatum* em foto do seu cultivador, Raimundo Mesquita

### ALGUNS LIVROS RECOMENDADOS E CONSULTADOS

1. Orchid Species Culture: Dendrobium Margaret L. Baker and Charles O. Baker.
2. Dendrobiums: An Introduction to the Species in Cultivation. Sybella Schelpe and Joyce Stewart.
3. Dendrobium Orchids of Australia. Walter T. Upton.
4. Orchid: Care and Cultivation. Gérald Leroy-Terquem and Jean Parisot.

---

Maria Lúcia Alvarenga é professora universitária e orquidófila, especializada em Dendrobium.

e-mail: [marialucia@novanet.com.br](mailto:marialucia@novanet.com.br)

---

# As Sedes da Sociedade Brasileira de Orquidófilos.

*Luiz Paulo Schara*



Projeto de Gilberto Muylaert Tinoco para a construção da sede da Sociedade Fluminense de Orquídeas. Fachada lateral esquerda.

Reparar as semelhanças com a sede recente da American Orchid Society.

No dia 11 de agosto de 1937, no salão nobre do Teatro Municipal de Niteroi, foi realizada a seção de fundação da Sociedade Fluminense de Orquidófilos, com a presença de sete orquidófilos, do representante do Comandante Amaral Peixoto, interventor federal no Estado do Rio de Janeiro, além de diversos convidados.

Nos dois primeiros anos, após a fundação da Sociedade, as reuniões eram realizadas nas manhãs dos domingos, na residência dos sócios, sendo mais frequentemente, nas dos Srs. Adolph Wallestein, Luiz Schara e da Sra. Wanda Bartholdy, respectivamente, na rua Miguel de Frias 23, Lemos Cunha 388 e Presidente Domiciano 195, todas em Niteroi.

Em 1939, devido ao crescimento do número de associados, que dos nove iniciais já passavam de meia centena, as

reuniões passaram a ser realizadas mensalmente, em dias úteis, à noite, na sede da Sociedade de Medicina e Cirurgia, cedida por um módico aluguel.

Ao mesmo tempo, o Presidente da Sociedade Fluminense de Orquídeas, Dr. Luys de Mendonça e Silva, empreendia ações para a obtenção de uma sede própria para a Sociedade.

Num longo expediente endereçado ao interventor federal no Estado do Rio, o Dr. Mendonça após tecer comentários sobre a fundação da Sociedade, do crescimento do número de associados, da ausência de um espaço onde se pudesse organizar um orquidário, estufas, herbário, biblioteca, arquivo fotográfico, laboratórios para estudos e cultura assimbiótica, etc., solicitou, “a aquisição pelo Estado, e para fazer parte do patrimônio do mesmo, uma chácara, preferencialmente nos bairros do Cubango ou Fonseca, dada a situação



14.XI.1952. Exposição Nacional de Orquídeas no salão nobre do Automóvel Club do Rio de Janeiro (Ver nota 1). Foto de autoria desconhecida, publicada na Revista Orquídea nº 1 do Volume 15.

topográfica e à maior riqueza de vegetação, para nela ser organizada o orquidário do estado, o qual ficará a cargo da Sociedade Fluminense de Orquídeas, com deveres recíprocos nitidamente estabelecidos.”

Os entendimentos frutificaram e, em 18 de julho de 1939, o então Secretário de Agricultura Indústria e Comércio do Estado do Rio de Janeiro cedeu à Sociedade, um terreno no final do Fonseca, início da atual rodovia Amaral Peixoto.

O sócio Gilberto Muylaert Tinoco executou o projeto para a construção da sede da Sociedade. Foi organizada uma coleta de preços entre as firmas construtoras mais conceituadas. A proposta mais conveniente foi apresentada por “Freire & Sodré”, que orçou a exe-

cução de todo o projeto em CR\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros).

Os comentários feitos pelo Dr. Mendonça, em agosto de 1955, por ocasião do 18º aniversário da SBO, explicando o motivo por que não foi construída a sede da Sociedade em Niterói no terreno cedido para este fim:

‘Em janeiro de 1940 recebi um chamado do Governador Amaral Peixoto para ir ao Palácio Rio Negro, em Petrópolis, para tratar do assunto.

O Governador indagou-me, então da possibilidade da construção ser efetuada em Petrópolis, ao invés de Niterói, por vários motivos, entre os quais pelo fato de ser Petrópolis a capital de verão do Governo e um florescente centro de turismo.

Ponderei ao Governador que embora Petrópolis oferecesse condições excepcionais, seria um local muito distante para as reuniões habituais, e, portanto, para um contato mais íntimo entre os sócios, o que era um dos objetivos da nossa Sociedade.

Talvez tivesse cometido um grande erro nessa ocasião e devesse ter aceito a sugestão do Governador Amaral Peixoto.

Mas agora é muito tarde para reparar esse erro, e não sei mesmo se as razões de ordem financeira invocadas mais tarde, para a não construção em Niterói, não poderiam ter sido igualmente aduzidas para a não construção em Petrópolis.”

Com a impossibilidade da construção sonhada sede, a SBO alugou uma pequena sala na rua da Conceição em Niterói, onde passou a realizar as reuniões mensais, permanecendo bastante tempo neste imóvel.

Em meados de 1945, as reuniões passaram a ser realizadas na cidade do Rio de Janeiro, na Sociedade Nacional de Agricultura, localizada na Av. Franklin Roosevelt 115, 6º. andar.

Em 1948, por sugestão e empenho da sócia Wanda Bartholdy, a Sociedade Fluminense de Orquídeas passou a denominar-se Sociedade Brasileira de Orquidófilos.

No dia 11 de agosto de 1949, por ocasião da sessão comemorativa do 12º. aniversário da SBO, realizada no salão do Conselho da ABI, tratando-se do assunto sede própria, os sócios presentes, por aclamação, elegeram uma comissão composta dos Srs. José Alencar

da Veiga Soares, Luiz Schara e Eduardo Roxo de La Rocque, para visitar os sócios e conseguir recursos financeiros para a aquisição do imóvel para a sede.

Em março de 1950, o Dr. Luys de Mendonça, fundador da Sociedade e seu Presidente desde a data da fundação, passou o cargo para o Dr. Afrânio Silva Jardim, eleito para o mandato de um ano, de acordo com o Estatuto da época. A nova Diretoria assumiu tendo como objetivo principal de sua administração a aquisição da sede própria.

O entusiasmo do Presidente contagiava a todos. A comissão encarregada da venda dos títulos de sócio proprietário, no valor unitário de CR\$ 1.000,00 (mil cruzeiros) atuava, também, com o mesmo espírito.

Em meados de julho de 1950, a quantia apurada com a venda dos títulos já permitia ao Presidente da Sociedade estabelecer negociações concretas para a compra da sede.

Por escolha e decisão do Dr. Afrânio iniciaram-se os entendimentos para a compra das salas 428 e 429 do recém-construído edifício situado na rua Visconde de Inhaúma, 134, Centro, Rio de Janeiro. No curso das negociações, foi acertado o preço de CR\$250.000,00 (duzentos e cinquenta mil cruzeiros), sendo a metade paga por ocasião da escritura da promessa de compra e venda e o valor restante financiado em dez anos pela Tabela Price. A escritura foi marcada para o dia 5 de setembro.

É justo deixar aqui registrado um fato ocorrido na época, e que demonstra o grande apreço e carinho que o ilustre brasileiro Dr. Guilherme Guinle ti-

na para com a SBO. Poucos dias antes da data acertada para a escritura verificou-se que ainda faltavam dez mil cruzeiros para totalizar o valor da parcela inicial. Sem encontrar solução para o problema, o Dr. Silva Jardim decidiu procurar o Dr. Guilherme. Dirigiu-se ao seu escritório e participou à secretária do desejo do Presidente da SBO ter uma entrevista com ele. Imediatamente foi recebido pelo Dr. Guilherme que o atendeu, demonstrando grande satisfação com a inesperada visita. Após tomar conhecimento do motivo da presença do Dr. Afrânio fez-lhe somente duas perguntas: sobre o valor da contribuição do Dr. Veiga Soares e de quanto a Sociedade precisava.

Certificando-se que as duas quantias eram iguais, e no valor de dez mil cruzeiros, prontamente preencheu um cheque e entregou-o ao Presidente da SBO.

Posteriormente o Dr. Guilherme Guinle doou à Sociedade a magnífica obra Reichenbachia e exclusivamente às

suas expensas foram publicada algumas edições da revista ORQUÍDEA.

Na data combinada, 5 de setembro de 1950, foi assinada a escritura de promessa de compra e venda da sede própria da SBO. No dia 20 do mesmo mês, a sala foi inaugurada, realizando-se a grande aspiração dos orquidófilos do Rio de Janeiro.

Para finalizar, quero expressar, em meu nome e da comunidade orquidófila do Rio de Janeiro, os agradecimentos ao Dr. Afrânio Silva Jardim. Seu entusiasmo, determinação e coragem permitiram a aquisição da sede própria para a nossa associação.

**Nota 1** - Da esquerda para direita: Heitor Grillo, Secretário de Agricultura do da Prefeitura do DF; Luis de Mendonça, fundador da SBO; Paulo Campos Pôrto, Diretor do Jardim Botânico do Rio; Guilherme Guinle, grande cultivador e incentivador da orquidofilia fluminense; José Alencar da Veiga Soares, então Presidente da SBO; Eloy Pontes Teixeira, sócio da SBO e grande conhecedor de orquídeas nativas do Brasil;

Eduardo de La Roque, sócio da SBO e Afrânio Silva Jardim, também ex-Presidente da SBO em cuja gestão foi adquirida a sede da SBO. (a foto foi publicada em Orquídea, vol.15, nº 1, pag. 23.

**Nota 2** - Reunião na sede da rua Visconde de Inhaúma. Destaca-se, entre os presentes o Sócio Benemérito Exdra Pôrto de paletó e gravata...



Ver Nota 2

NOSSOS ILUSTRADORES

# CARLOS IVAN

APRESENTA SUAS FOTOS PREFERIDAS



*CATASETUM FUCSII*

*CATASETUM PILEATUM*





1. EM DETALHE, FLOR DA *CATTLEYA GUTTATA*, DA INFLORESCÊNCIA QUE SE VÊ NA FOTO SEGUINTE.

2. A *CATTLEYA GUTTATA* VICEJA NOS GALHOS DE PEQUENOS ARBUSTOS, PROTEGENDO-SE DO SOL DIRETO NAS SUAS FOLHAS CARNUDAS. A HASTE FLORAL, PORÉM, MOSTRA SUA BELEZA NA LUZ PLENA.

3. HABITAT, DESAPARECIDO, DE *CATASETUM GARDNERI*.





*CATASETUM BARBATUM*, ÚNICA PLANTA, QUE VI E  
PUDE FOTOGRAFAR, TENDO NUMA MESMA HASTE,  
FLORES FEMININAS, (NO MEIO), HERMAFRODITAS (À  
DIREITA) E MASCULINAS (ACIMA, AINDA NÃO ABER-  
TAS NA OCASIÃO)



1. A LAELIA JONGHEANA, DE EXTRAORDINÁRIA COR, FOI UMA DAS GRANDES PREMIADAS DA FLORALIA NA EXPOSIÇÃO DA CONFERÊNCIA MUNDIAL.

2. A VANDA RASRI GOLD ME OBRIGOU A, PARA DESTACAR O OURO QUE LHE DEU O NOME, ESPERAR QUE AS LUZES DOS SPOTS SE ACENDESSEM, ACENTUANDO, ASSIM AS BELAS CORES.

3. NA BELÍSSIMA CATTLEYA SCHILLERIANA COM QUE WLADISLAW ZASLAWSKI VENCEU A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1994, DESTAQUEI O BEM FORMADO E MUITO COLORIDO LABELO.





*CATTLEYA LODDIGESII*,  
PREMIADA COM UM AM/AOS,  
EM 1994.

Quando o editor me solicitou que fizesse um ensaio com as minhas fotos preferidas de orquídea me veio logo à cabeça que a minha melhor foto dessa flor tão bela corre mundo, está em publicidade e eu não tenho uma cópia sequer dela... Estou falando da belíssima *Cattleya nobilior Amaliae* que foi a planta campeã da 15<sup>a</sup> Conferência Mundial sobre Orquídeas.

Fotografei a planta sob as dificuldades conhecidas nessas ocasiões, na correria das premiações e já quase na hora de abertura solene. Mas como viram todos que a conhecem (já que ela corre mundo) que consegui até esconder coisas que sabidamente não podem aparecer, como o vaso e os arames de suporte. O resultado foi muito bom e as flores parecem flutuar. É indiscutivelmente a minha melhor foto e minha preferida, de que, paciência, não tenho um exemplar sequer.

Mas, neste ensaio, vocês viram outras fotos minhas de que gosto e sempre por alguma razão, como indiquei nas legendas.

Chamo a atenção de todos, porém, é para o que está presente nas três fotos, feitas em Massambaba, no estado do Rio de Janeiro, que frequentei muito, em companhia de outros orquidófilos e, sobretudo, ajudando a nossa querida Maria da Penha Fagnani, nos seus levantamentos botânicos naquela microrregião, morte e devastação.

Ali fotografei um habitat de *Catasetum gardneri*, que já não mais existe, como não existe ali mais muita coisa. Nem sei mesmo se existem os extraordinários exemplares de *Cattleya guttata* que encontrei e fotografei por ali.

Grande parte das fotos que apresentei foram feitas nas Exposições da OrquidaRIO, sobretudo na Exposição Internacional de 1994 e na 15<sup>a</sup> Conferência Mundial sobre Orquídeas.

**Carlos Ivan da Silva Siqueira**

# Maria da Penha Fagnani

Paulo Damaso Peres

Sua linhagem feminina é representada por mulheres fortes e longevas; sua avó, D. Tóta, por exemplo, viveu muitos anos em pleno gozo de suas faculdades, alegre e cheia de vontade de continuar. “Lembro de foto sua, entre filhos e netos, por ocasião dos seus 80 anos, a vivacidade estava patente. Deixou muito de sua arte expressa em suas *obras primas*: seus filhos e o disputadíssimo pão-de-ló de D. Tota e na sua *ciência*: os jogos de carta (biriba, bridge, pif-paf, ...)”.

O Espírito Santo é uma terra rica em orquídeas, berço das schillerianas, velutinas, tenebrosas... e também de nossa querida Maria da Penha. Para sorte nossa passou por lá e por Recife também, mas foi aqui no Rio de Janeiro e mais precisamente na OrquidaRIO, que fincou e estendeu suas raízes.

Sua mãe, D. Maria de Lourdes, teve oportunidade de conhecer há cerca de dois anos, já com 97 anos, por ocasião de uma visita que fiz a Penha. Estávamos conversando em seu terraço, junto às suas orquídeas, quando alguém, delicada e mansamente, se aproximou e quase como querendo se desculpar sentou-se junto a nós para uma prosa. O



papo foi prodigioso e se desenvolveu numa atmosfera de alegria e momentos de algum saudosismo, como seria natural. Falamos também de cozinha, assunto de total domínio de D. Maria de Lourdes. Nessa ocasião fui formalmente apresentado ao famoso pão-de-ló de D. Tota cuja receita me foi entregue “em confiança”. Ao final, quando já me despedia ela me disse as-

sim num misto de segredo e de sem jeito: “eu escrevi minhas memórias o Sr. quer ler?”. Lindas, não deixe de ler quem tiver a oportunidade....

Penha formou-se em medicina e exerceu sua profissão durante 36 anos como ginecologista e citologista o que lhe permitiu passar algum tempo na França e Estados Unidos. Seu casamento, com um colega de profissão, deu origem a duas filhas e três netos; o de 10 anos, que já querendo seguir os passos da avó, anda escrevendo poesias sobre plantas.

Seu início na orquidofilia foi como todos os nossos outros males, vai se instalando silenciosamente, sem que percebamos, e quando nos damos conta estamos irremediavelmente perdidos. Comprando alguns híbridos de Dendro-

bium nobile para enfeitar sua casa ela julgou que estivesse comprando apenas algumas flores, quanta inocência, já era o início.

Daí, então, precisou saber porque seus *Dendrobium* nunca mais floriram, embora vegetassem muito bem. E passou a frequentar exposições de orquídeas e conversar com orquidófilos experientes e logicamente alguém lhe disse que era muito importante se tornar sócia da OrquidaRIO onde participaria de reuniões técnicas, contatos com outros sócios, perceberam? Isso começou a acontecer em 1986 na Exposição do Rio Design Center. Para selar definitivamente esse amor ganhou num sorteio, na OrquidaRIO, seu primeiro livro de orquídeas; um dos volumes da Flora Brasileira de F.C. Hoehne do qual entendeu muito pouco, mas que aguçou tremendamente sua curiosidade, sua vontade de saber mais. Depois desse, muitos outros, inclusive o do Waldemar Silva, que em linguagem mais acessível, foi rapidamente devorado por Penha .

Com a proximidade de sua aposentadoria, em 1989, resolveu dedicar-se mais profundamente às orquídeas e entendeu que o caminho seria através da Botânica. Nesse ano de 1989, matriculou-se na Faculdade de Ciências Biológicas da Universidade Santa Úrsula onde cursou as principais cadeiras de botânica; Organografia, Sistemática, Anatomia Microscópica, Fisiologia e Vegetais Inferiores (fungos, algas e líquens ) que segundo Penha a despeito de não serem orquídeas são também um “barato”. E como é sua característica, foi calmamente fazendo uma cadeira de cada vez, uma por semestre, e ali dividindo a sala de aula com a meninada, alguns até, filhos de colegas seus. O in-

teresse maior foi em Sistemática dada a semelhança com o processo mental do diagnóstico na medicina. Com o apoio da professora Regina Andreatta foi possível a utilização da “Sala de Botânica” onde aprendeu a preservar material para estudo posterior e pode examinar suas orquídeas através de uma lupa.

Tudo isso foi muito útil para todos nós orquidófilos que constantemente utilizamos seus conhecimentos, principalmente, para identificação de uma nova planta.

Na OrquidaRIO, não seria nenhum exagero dizer que está sempre presente em todas as diretorias, oficialmente ou não, mas sempre pronta para auxiliar e até mesmo com conselhos sábios, comedidos e sempre quando mais necessitamos.

Autora de vários trabalhos sobre orquídeas, entre eles Orquídeas da Restinga, Orquídeas de Massambaba e Orquídeas da Cidade do Rio de Janeiro. Sugiro a todos e principalmente aos iniciantes, que os pesquizem em nossa Biblioteca na revista Orquidário. Se quiserem saber um pouco mais sobre Penha leiam Orquidário, vol .13 /1.

Fora da OrquidaRIO tudo que realizou em orquidofilia associou ao nome de nossa Sociedade como no trabalho realizado para a USU – FLORA DO RIO DAS PEDRAS.

Para mim o orgulho de ser seu amigo.

---

Paulo Damaso Peres é engenheiro, com especialização em energia, e velho orquidófilo, com paixão por *Zygopetalum*. Foi Presidente da OrquidaRio

EXPOSIÇÕES DE INVERNO  
**ARANDA** TERESÓPOLIS



FOTOS DE RAIMUNDO MESQUITA



# FLORÁLIA

PETRÓPOLIS



O INVERNO DESTA ANO PROPICIOU CONDIÇÕES PARA ORQUIDÁRIOS COMERCIAIS DO RIO DE JANEIRO EXIBIREM SUAS MELHORES CORES E FORMAS.

TANTO A ARANDA DE TERESÓPOLIS COMO A FLORÁLIA DE PETRÓPOLIS (ESTA USANDO A FÓRMULA TRADICIONAL DE CONTAR COM A PARTICIPAÇÃO DE ORQUIDÓFILOS DO GRUPO PETROPOLITANO), SE COLOCARAM ACIMA DAS MELHORES EXPECTATIVAS DOS VISITANTES.

FOTOS DE SÉRGIO ARAUJO



# GUAXUPÉ – DIÁRIO DE BORDO

Edson Cherem

Roteiro que incluía visitas a orquidários comerciais e amadores, é programa imperdível para grande parte dos orquidófilos. Foi assim no dia 17 de julho quando pelo menos 30 colecionadores e simpatizantes seguiram para o sul de Minas, a fim de checar toda a fama da Exposição de Orquídeas de Guaxupé, em sua 51ª edição.

Por volta das 5 horas da manhã da sexta-feira, dia 18, o ônibus que nos conduziu já estava estacionado em frente ao Hotel Brasil, na praça principal de São Lourenço, onde os termômetros indicavam temperatura abaixo dos 10 graus. As poucas pessoas que de imediato deixaram o coletivo, antes do sol nascer, exibiam uma “fumaça” característica, assim como os cães de rua e os equinos e caprinos que começavam a chegar para o tradicional passeio dos turistas pelo circuito das águas.

Após rápida negociação, tomamos o café da manhã, visitamos uma feirinha de roupas e seguimos em direção ao local do evento principal. Para deleite dos amantes de “espécies”, no caminho, visitamos o modesto orquidário do Dito (Benedito), na cidadezinha de Christina. Como o colecionador já estava na exposição, fomos



Cartaz da exposição. Foto de Carlos Roberto de Azevedo

recepcionados pela mulher dele e pelo amigo José Carlos, que também nos mostrou suas plantas. Da visita pudemos captar a criatividade dos cultivadores, com seus cachepots confeccionados em formas geométricas, observar (e adquirir) walkerianas cultivadas em molduras de madeira recheadas com casca de árvore e carvão, entre fios de nylon trançados, e até curiosas placas de cimento com cascas de coco maduro e ossos cravados.

Seguimos viagem, até pararmos em um restaurante na estrada, para o almoço. No fim da tarde da sexta-feira estávamos no hotel Marambaia, onde a maioria tomou um rápido banho para logo em seguida se concentrar em frente ao Clube Guaxupé, onde aconteceria o principal evento, com fanfarra, desfile de estudantes e um rápido discurso do prefeito da cidade.

Como nem tudo são flores, nem substrato e muito menos fertilizantes ou hormônios, cabe registrar que a presidente da OrquidaRio, Marlene A Valim, organizadora do passeio, acabou sendo impedida de participar do coquetel de abertura, na portaria do clube, por um intransigente e mal informado “segurança” mais preocupado com as horas do que com o bom senso. Dentro do salão, a turma se dividia entre aqueles que aderiram ao “comes e bebes” e os que

para seu acervo.

Com o sábado livre, muitos voltaram à exposição para adquirir plantas e participar de sorteios, visitaram igrejas e também uma fábrica de doces. Logo após o almoço, seguimos para uma fazenda onde pudemos contemplar os símios livres, muito verde, um lindo lago e uma intransponível reserva onde os orquidófilos locais preservam algumas espécies.

No ônibus, já em direção ao Rio, o tempo passou mais rápido com um show de piadas protagonizado por uma associada e várias rodadas de bingo valendo orquídeas e cachepots, além do serviço de bordo e o anúncio dos próximos passeios, tema garantido para os próximos boletins.

**Edson Cherem é jornalista e cultiva orquídeas em Maricá/RJ**



Grupo da OrquidaRio, vendo-se a Presidente Marlene Paiva Valim, o Diretor Paulo Damaso Peres e, com eles, o veterano orquidófilo Waldyr Endsfield.



Em 2003 a Aranda traz um guia com informações para você cultivar melhor.

- \* estação provável de floração
- \* clima propício
- \* cores predominantes



*Venha conhecer o catálogo  
2003 de plantas da Aranda*



- \* híbridos premiados
- \* espécies brasileiras
- \* espécies estrangeiras
- \* super matrizes de Cattleyas
- \* paphios multiflorais

Todos oferecidos em condições excelentes de vigor e preço:  
uma ótima combinação!

Compras on line com desconto!

www.aranda.com.br